

TOMADA DE TESTEMUNHO
(transcrição)

Izabel Fávero

27/4/2013

DEPOENTE:	IZABEL FÁVERO
Categoria do depoente:	Vítima civil
Tipo de arquivo:	Vídeo
Duração:	01:37:08
Ocasão:	Audiência Pública em Foz do Iguaçu
Data:	27/4/2013
Local:	Foz do Iguaçu, PR
Responsáveis pela tomada de depoimento:	Rosa Cardoso da Cunha

NUP:	00092.000088/2014-91
Nomes citados:	Coronel Emídio; capitão Fernando José Vasconcellos Kruger; capitão Júlio Cerdá Mendes; tenente Mário Espedito Ostrovski; Pablo; Juvenal; Lamartine Rollo Soares; cabo Orlando; sargento Balbinotti; cabo Felipe; major Fontoura; Olga; deputado Fuad Nacli; delegado Oreste Bruceleine; Luiz André Fávero; Adão Pereira Rosa; Benedito Osório Bueno; José Aparecido Germano; José Deodato da Motta; Gilberto Silveira; Ana Beatriz; João Evaldo Nunes; João Ângelo; Gustavo Buarque Schiller; deputado Márcio Almeida; Moacir Correa; Figueiredo; comendador Adílio Figueiredo.
Locais citados:	5ª Companhia de Polícia do Exército do 1º Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu; Batalhão da Polícia Militar de Curitiba; Quartel da Polícia do Exército de Curitiba; Esquadrão da Morte; Presídio do AHÚ em Curitiba; DOPS do Paraná; DOPS de Porto Alegre; Prisão de Piraquara; Fazenda São Jorge (“Fazenda das Torturas”).
Organizações citadas:	União Caxiense de Estudantes Secundários; União Gaúcha de Estudantes Secundários; VAR-Palmares.

1 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Então, retomando os
2 trabalhos, nós passamos agora a ouvir as pessoas que foram torturadas, as vítimas que
3 torturadas no Batalhão do Exército aqui de Foz do Iguaçu. Eu convoco, convido para
4 depor a senhora Izabel Fávero. Izabel esteja à vontade onde você achar melhor, no
5 púlpito ou na... por favor. E peço para que as doutoras Neide e Ivete conduzam esta
6 entrevista. Muito obrigado pela sua presença, e a senhora está com a palavra.

7 **Izabel Fávero** – Boa tarde a todos, eu já vinha com o estômago embrulhado há dias,
8 desde que eu comecei a buscar essa memória para a Comissão da Verdade, e hoje pela
9 manhã embrulhou mais ainda, até porque eu tenho consciência de que essa Comissão
10 tem fatos tão mais graves pra cuidar, e o nosso caso, a nossa história já foi bastante
11 contada, relatada. Claro que a gente nunca teve a oportunidade de entrar em alguns
12 detalhes bem dolorosos, e que até hoje machucam profundamente, eu tenho muita
13 [pausa, voz embargada] eu tenho dificuldade...

14 **Rosa Cardoso (Comissão Nacional da Verdade)** – Izabel, não se importe em chorar.
15 A gente espera, a gente está com você, está te ouvindo, e não é menor chorar tá? Faz
16 parte mesmo, e nós... o seu choro é o nosso também.

17 **Izabel Fávero** – Eu sinto muita revolta ainda, muita humilhação, e realmente essa é
18 uma história que eu sempre fugi de contar, e eu assumi o compromisso com os meus
19 dois filhos, já que o meu marido com quem eu fui presa, comecei a militar, a gente tem
20 uma história que é totalmente imbricado aos dois, ele já não está, ele faleceu em janeiro
21 de 2011, ele sobreviveu à ditadura, e não sobreviveu à falta de ética médica, teve uma
22 negligência em uma cirurgia que ele fez, então ele se foi e hoje só resta a minha
23 memória, e a memória de alguns de nossos companheiros que também foram presos na
24 mesma ocasião, só que eu não tenho o testemunho do que fizeram a eles mais
25 diretamente, porque a ditadura, os militares que nos torturaram, eles usaram muito o
26 fato de, eu era militante, mas eu também era apaixonada, havia um amor muito grande
27 entre nós dois, então a nossa, os confrontos eram sempre entre nós dois porque dói
28 muito mais, e eles tinham consciência disso. Então, eu fiz um esforço bem grande para
29 trazer a memória dele, essa estória não é só minha que eu vou falar, é a nossa estória,

30 minha e de Luiz André, que foi um grande, grande combatente, por quem eu tenho
31 muita admiração, e com ele depois eu tive uma trajetória de vida, de exílio, e aí mais de
32 quarenta anos de vida, e dois filhos. Tivemos dois filhos que nasceram no exílio, Diego
33 e Gabriel. Então, eu vou falar muito “nós”, porque as coisas aconteceram sempre muito
34 com nós dois. Antes de entrar nesse depoimento, eu gostaria de dizer que as pessoas que
35 eu vou citar aqui, e que eu acuso, e vão estar presentes nesse depoimento, eu já queria
36 deixar esse registro, coronel Emídio, eu não consigo saber e afirmar o sobrenome, mas
37 parece que é mesmo o Paula, que era o coronel do Exército aqui do Batalhão de
38 Fronteira. O capitão Fernando José Vasconcellos Kruger, uns chamavam de Kriger,
39 outros de Kruger, ele era do Batalhão da Polícia Militar de Curitiba. O capitão Júlio
40 Roberto Cerdá Mendes, que foi junto com o tenente Mário Espedito Ostrovski, que
41 comandaram e acompanharam todos os processos, que depois a eles se somou, se
42 somaram duas pessoas, um chamado Pablo, o outro Juvenal, nomes de guerra, que se
43 apresentaram como sendo do Esquadrão da Morte, e tem uma série de outros que a
44 gente nunca soube o nome, que eram chamados por codinomes, apelidos. Eu queria
45 também colocar nessa lista o então diretor do Presídio do AHÚ em Curitiba, Lamartine
46 Rollo Soares, que não me quis sob a sua responsabilidade no AHÚ, onde estavam os
47 presos políticos, e me encaminhou para o presídio de mulheres em Piraquara, onde eu
48 fiquei em prisão comum, e na época nem era normal acontecer, os presos políticos
49 estavam em celas especiais, e ele não teve nenhum escrúpulo em me mandar para essa
50 prisão, esse presídio, onde fiquei presa com assassinas, latrocidias, enfim. Mas eu diria
51 que elas tiveram muito mais decência do que ele, e do que o poder constituído que me
52 colocou lá, porque eu fui respeitada e aprendi bastante, inclusive nessa passagem. Eu
53 gostaria de contextualizar como é que a gente veio parar aqui, porque algumas pessoas
54 podem se perguntar. Nós somos gaúchos, e viemos a ser presos no Paraná. Nós
55 começamos a militar no movimento estudantil, Luiz André era, foi inicialmente
56 presidente da União Caxiense de Estudantes Secundários, e logo presidente da União
57 Gaúcha de Estudantes Secundários, e foi assim que a gente criou uma amizade eterna
58 com Suzana, e esse foi um período muito curto, porque logo a gente, dado o contexto
59 social, político, a gente passou a militar na VAR-Palmares. A nossa vinda para o Paraná
60 foi uma decisão da direção regional da VAR, que considerou que nós não poderíamos
61 mais estar na legalidade, então estudamos a nossa possibilidade de começar a montar
62 uma base de resistência à ditadura militar no oeste do Paraná. Meu sogro tinha ali uma
63 pequena fazenda, e vimos que ali era um lugar estratégico, aonde inicialmente a gente
64 contaria com o apoio deles e em seguida a VAR viria suprir as nossas necessidades pra
65 que a gente pudesse fazer o trabalho político que a gente tinha a fazer. Lá também já
66 estava morando o meu cunhado, o Alberto, o Beto, que está aqui, que foi preso também
67 conosco, e, além de Luiz André e Beto, foram presos na mesma ocasião, Adão Pereira
68 Rosa, Benedito Bueno, José Aparecido Germano, e José Deodato da Motta, todos
69 camponeses que aderiram àquele início, porque nós realmente estávamos em fase inicial
70 de estruturação desse núcleo. Então estiveram também presos conosco, e além desses
71 cinco militantes, depois, alguns dias depois juntou, conosco esteve Gilberto Silveira,
72 que foi trazido de Curitiba, naquela mesma ocasião em que eu encontrei agora Ana
73 Bete. Como? Ana Beatriz, que ficou quatro dias comigo, foi o único momento em que

74 eu tive companhia, e eu fiquei feliz quando ela saiu, quatro/cinco dias depois, mas bem
75 triste porque me encontrar sozinha, lá na medida em que eu estava obviamente isolada,
76 e os meninos estavam em outras celas. Eu não presenciei a maior parte das torturas, dos
77 atos que foram cometidos com os meninos porque, eu fui literalmente utilizada, e nós
78 fomos um com o outro, eu e Luiz André, então, eu soube das atrocidades que eles
79 sofreram depois porque me foram relatadas por eles mesmos. Diante disso, eu vou me
80 ater a falar daquilo que eu vivenciei, porque eu acho que é justamente para o bem da
81 verdade. Então, nós saímos de Caxias do Sul onde morávamos, dizendo que íamos para
82 São Paulo, e na verdade aterrissamos em Nova Aurora no oeste do Paraná, com a
83 missão de organizar ali um núcleo de resistência à ditadura militar, e o que ocorreu, é
84 que nós ficamos meses isolados da organização. A organização não fazia contato
85 conosco, e diante disso nós tivemos que sair da clandestinidade, trabalhar para
86 sobreviver, e isso foi muito bom, foi muito importante, porque o que fizemos na
87 legalidade, foi um trabalho de educação e isso ficou até hoje, então, foi realmente o
88 aspecto positivo, vamos dizer, desse risco que tivemos que correr, porque eu comecei a
89 trabalhar como professora no ginásio e, ao mesmo tempo, reabri uma escola, uma
90 escolinha primária que tinha na fazenda ao lado do deputado, do deputado Nacli, que foi
91 um dos apoiadores da nossa prisão, ele junto com o padre, com o diretor do ginásio,
92 com a secretária de educação do município, eles deram suporte àquela megaoperação
93 que foi realizada pelos militares pra nos prender. E Luiz André logo virou professor
94 também, da mesma escolinha, e a escolinha era um galpão completamente abandonado,
95 e nós fizemos um mutirão com os pais, com os alunos e colocamos aquela escolinha
96 para funcionar. E isso nos permitiu nos aproximarmos dos pais dos alunos, e agente foi
97 compartilhando com eles nossas ideias, nossos ideais, nossa visão de uma sociedade
98 melhor, e eles foram simpatizando conosco, e nos dando um amplo apoio, não sabiam
99 exatamente qual era a nossa missão, não é, apenas simpatizavam com as nossas ideias e
100 a gente conquistou aí uma simpatia, que, pelo o que eu sei, inclusive através da pesquisa
101 que o Marcos está realizando ali nessa região, até hoje os alunos têm lembrança desse
102 trabalho. E isso me deixa muito feliz. E paralelamente a esse trabalho de educação, que
103 a gente cuidava da educação formal, eu no ginásio mais a escolinha, mas a gente fazia
104 também nos dias de sábado e domingo alfabetização para os adultos, para os pais dos
105 alunos, usando de forma precária, o “método Paulo Freire”, e ninguém desconfiava da
106 nossa missão, a nossa faixada era muito boa, porque a gente aparecia como um casal
107 jovem, perto do sogro e da sogra, fazendo um trabalho, construindo o seu futuro. Então,
108 era assim, na nossa avaliação geral, dificilmente nós seríamos encontrados ali onde
109 estávamos, porque é um fim de mundo, literalmente. Só que a gente não sabia era que a
110 ditadura já tinha cercado e minado praticamente todas as organizações políticas, quando
111 a gente veio a cair, a ser presos, nós fomos dos últimos praticamente dentro da VAR. Eu
112 diria que, quando eles chegaram até a gente, a VAR-Palmares estava já praticamente
113 desmantelada. Nós inicialmente não entendemos como é que eles tinham chegado até a
114 gente, e aí ficamos depois, até com as informações, com o que a gente foi obtendo
115 durante os interrogatórios, e ficamos sabendo que nós recebemos uma visita, uma única,
116 de um dirigente regional da organização e, quando ele voltou, ele fez um relatório, no
117 qual ele colocou inclusive a nossa localização geográfica e, certamente, extrapolou e

118 inchou, e colocou muito além do que nós tínhamos já na nossa base de militância.
119 Então, nossa prisão que aconteceu na madrugada do dia 4 para o dia 5 de maio de 1970,
120 foi uma coisa, uma operação de guerra, eram cerca de – confirmado por eles mesmos –
121 de setecentos homens armados, eles invadiram a cidade, fizeram levantamento aéreo,
122 cercaram toda a área, teve uma missão percussora que chegou uns dias antes, e foi
123 hospedada pelo padre, que deu toda cobertura a eles, e essa nossa prisão foi realizada de
124 madrugada, uma hora, duas horas da manhã, com pessoal, o comando do DOPS do
125 Paraná, da 5ª Companhia de Polícia do Exército do 1º Batalhão de Fronteira de Foz, e
126 determinada pela 5ª Região Militar, comandada então pelo capitão, esse Kruger, do
127 Quartel da Polícia do Exército de Curitiba. Nessa noite, lá em casa, eles prenderam
128 também meu sogro e minha sogra, já idosos, e meu sogro ficou algemado a uma árvore,
129 minha sogra ficou na sala, também algemada, e aí... [*pausa, voz embargada*]. Não tinha
130 luz na fazenda, não tinha nem na casa, então eles acenderam um monte de candeeiros,
131 velas, e uma das coisas que eles diziam, eles ameaçavam inclusive incendiar a casa com
132 a gente lá dentro. Nós fomos, já em casa, torturados, um em frente ao outro, eles tinham
133 uma máquina chamada, uma máquina de choque, “Maricota”, que eles chamavam de
134 “Maricota”, aí batiam na gente com toalhas molhadas, tinha um alicate, beliscavam a
135 gente no corpo, e meu marido, eles levaram, jogaram ele no córrego que tinha ao lado
136 de casa, deram choques elétricos, dentro do córrego, ele ficou com traumas o resto da
137 vida, ele teve problemas urinários, ele teve que tratar a vida toda. E aí, no dia seguinte, a
138 gente foi levado, quer dizer, nós fomos embarcados, eu numa ambulância, meu marido
139 num caminhão do Exército, e eles deixaram entender que iam nos levar para Curitiba, a
140 gente saiu e ninguém sabia o nosso destino. Mas eles trouxeram a gente para o Batalhão
141 de Fronteira. Nós também não sabíamos, a gente chegou.... E, no dia seguinte.... Desse
142 primeiro dia, a gente continuou, nós dois, continuamos a ser interrogados e torturados
143 em uma sala que tinha ao lado do pátio, tinha que atravessar o pátio e tinha uma sala
144 num andar, bem grande, uma sala vazia, suja. Tinha pouca coisa, uma escrivaninha,
145 tinha cadeiras, o pau de arara, água em bacias. E, no segundo dia, eles fecharam,
146 terminaram de fechar o cerco e prenderam os outros meninos, os outros cinco
147 companheiros e, durante os primeiros dias, nós ficamos unicamente sob o comando, nas
148 mãos do Cerdá e do Espedito, eles que comandavam a tortura, eles levavam a gente lá
149 para aquele pavilhão, a gente aí, o prazer deles era torturar um frente ao outro e dizer
150 “olhe, sua vadia, ó ele está apanhando por culpa sua que você não quer colaborar”,
151 entendeu? Ou o contrário, entende? Era um jogo de tortura psicológica, física, pra
152 desestruturar mesmo, desestabilizar a gente. Eu fui muito ofendida, como mulher,
153 porque ser mulher e militante é um carma, a gente, além de ser torturada física e
154 psicologicamente, a mulher é vadia, a palavra mesmo era “puta”, “menina decente, olha
155 para a sua cara, com essa idade, olha o que tu está fazendo aqui, que educação os teus
156 pais te deram, tu é uma vadia, tu não presta”, enfim, eu não me lembro bem se no
157 terceiro, quarto dia, eu entrei em processo de aborto, eu estava grávida de dois meses,
158 então, eu sangrava muito, eu não tinha como me proteger, eu usava papel higiênico, e já
159 tinha mal cheiro, eu estava suja, e eu acho que, eu acho não eu tenho quase certeza que
160 eu não fui estuprada, porque era constantemente ameaçada, porque eles tinham nojo,
161 tinham nojo de mim. E eu lembro que no dia em que nós fomos presos, exatamente no

162 dia 4, nós tínhamos estado em Cascavel, e quando a gente saiu da ginecologista, tinha
163 um veículo militar, mas a gente em momento nenhum pensou que eles estivessem
164 vigiando a gente, eles já estavam no encalço da gente, eles seguiram, não é, esse dia eles
165 nos seguiram o dia todo, e o meu marido dizia, “por favor, não façam nada com ela,
166 podem, podem me torturar, mas ela tá grávida”, e eles riam, debochavam, “isso é
167 história, ela é suja, mas não tem nada a ver”, enfim. Em nenhum momento isso foi
168 algum tipo de preocupação, em relação [*pausa, voz embargada*]. Eu certamente abortei
169 por conta dos choques que eu tive nos primeiros dias, nos órgãos genitais, nos seios,
170 ponta dos dedos, atrás das orelhas, aquilo provocou obviamente um desequilíbrio, eu
171 lembro que eu tinha, muita, muita, muita dor no pescoço, porque quando a gente, quem
172 sofreu choque, sabe? A gente joga a cabeça pra trás, aí tinha um momento que eu não
173 sabia mais aonde doía, o que, doía em todo lado, mas enfim. Certamente foi isso. E eles
174 ficavam muito irritados de me ver suja e sangrando e cheirando mal, enfim. Eu acho que
175 ficavam até com mais raiva, e me machucavam mais ainda. Aí, eu acho que foi no
176 quinto dia, chegaram esses dois caras, Pablo e Juvenal, e eles se apresentaram como
177 especialistas na VAR, eles vinham do Rio, eles tinham um chaveiro, então eles
178 mostravam assim, a corrente, tinha vários elos, e eles diziam que cada elo era um
179 comunista morto, e que a gente iria fazer parte daquela mesma corrente. Óbvio que eu
180 morria de medo, porque dizer que a gente não tem medo na prisão é falácia, eu estava
181 aterrorizada, e com a presença deles a tortura ficou mais sofisticada, e mais intensa, aí
182 era... mal levavam a gente de volta pra cela e já vinham buscar, então, eu já estava num
183 quarto que me colocaram, que era o quarto do oficial do dia, que ficava de frente, tinha
184 um corredor, aí tinha a solitária e as outras celas, me tiraram da cela quando eu
185 realmente comecei a passar muito mal, aí me puseram no quarto do oficial do dia que
186 tinha uma janela bem alta, que dava para o corredor e somente isso como comunicação.
187 Quando... quando eu já não estava muito bem mesmo, e eu fiquei preocupada que André
188 soubesse que eu estava bem, eu não queria que ele ficasse imaginando, que seria uma
189 tortura pra ele, porque disseram a ele que eu estava morta, não é? Isso eu soube depois,
190 lógico, mas eu, uma noite eu falei, né, porque por aquela janela passava o som.
191 [*pergunta, dirigida a alguém da plateia*] Você lembra, né, que tinha uma janela alta,
192 né? E aí eu chamei André e disse, “ó, eu estou bem, fica tranquilo, eu estou viva, estou
193 bem”, e vinha vindo por azar o capitão Cerdá e o tenente Espedito naquela hora
194 caminhando lá naquele corredor. E aí eu ouvi um grito do Cerdá, não me lembro as
195 palavras que ele disse, mas eu ouvi André dizer, “você vai atirar em mim? Covarde!”.
196 E, depois, aí depois eu soube que ele empunhou a pistola, apontou pra ele, e ele ia atirar
197 mesmo, ele não atirou porque tinham soldados aí, tinha a gente, tinha, mas ele, meu
198 marido diz que sentiu que ele ia atirar, de tanta raiva que ele estava, aí ele pegou, virou,
199 e com a coronha da arma, eu só ouvia... [*fala emocionada*] eu só ouvi os gritos do Cerdá
200 e os gemidos do André, então eu fiquei bem quietinha, até que parou, e aí abriu a porta
201 do quarto, esse onde eu estava, e ele entrou, gente, ele espumava, gente, ele tinha tanta
202 raiva, aí ele me pegou pelos braços, me levantou, me ergueu, me esculhambou, disse um
203 montão de palavrão, disse que a culpa do André ter levado aquela surra era minha, que
204 eu era uma cadela, enfim, depois ele me jogou e, dias depois, eu fui levada para o
205 interrogatório novamente com o André. André tava massacrado, ele tava coberto de

206 hematomas, e eu fiquei pensando naquela noite, “por que esse cara me odeia tanto, e
207 odeia tanto o André, o que é que a gente fez pra esse infeliz?”, o Espedito tava junto,
208 presenciou, porque sei lá, de repente, pra uma pessoa sentir tanta raiva, ter tanta ira, a
209 gente vai em busca de explicações e é difícil pra, no momento que a gente tá vivendo
210 isso, é difícil a gente entender o porquê. Eu sei que eu não tenho a menor vergonha de
211 dizer, eu morria de medo quando ouvia a voz do Espedito, as chaves que ele já vinha
212 pra abrir a cela, chega uma hora que a gente tá exausto, a gente não aguenta, e quer
213 morrer, eu quis morrer muitas vezes, eu pensava, “se por sorte eu morro, porque eu vou
214 ter uma infecção”, porque eu já estava febril, já tava passando muito mal, “vou ter uma
215 boa infecção e vou morrer”, aí depois eu pensava assim, “mas e os meninos, e o
216 André?”, aí me dava uma vontade enorme de dizer, “não, eu vou me vingar, e vou fazer
217 com eles muito pior do que eles estão fazendo comigo, e com eles”, e isso, isso me
218 ajudava a me manter, no meu desequilíbrio, mas me ajudava. Sinceramente, eu me
219 imaginei fazendo barbaridades com quem estava fazendo barbaridades com a gente.
220 Mas o Pablo e o Juvenal encontraram, eu não sei se foi o Pablo e o Juvenal, ou se lá já
221 tinham encontrado, na minha bolsa, eu tinha um papel, com o nome do meu cunhado,
222 João Evaldo Nunes, que morava no Rio alguns dias por mês, porque ele tinha uma
223 empresa, então ele ia pra fazer o trabalho dele com os clientes do Rio, mas ele morava
224 em Caxias, então aquilo, pra eles configurou um aparelho, com certeza. Ele não tinha
225 nada a ver conosco, e aí prenderam ele, e eu não sabia, quando o Pablo e o Juvenal
226 começaram a me interrogar, o meu cunhado já estava preso, e aí eles, eu não entendia
227 por quê, mas eles queriam que eu confirmasse que ele era o nosso contato no Rio de
228 Janeiro, que ele era, enfim, nossa base, nosso elo, e eu não entendia, não tinha nexos
229 que eles me perguntavam e as afirmações que eles queriam que eu fizesse. Eu sei que o
230 meu cunhado foi barbaramente torturado, sem saber Deus por quê, ele ficou anos sendo
231 acompanhado por médicos, ele... porque de certa maneira, eu digo, nós que éramos
232 militantes, a gente sabia a opção que a gente tinha feito, e o que podia acontecer, não do
233 jeito que a gente sofreu, mas um cara que é preso sem saber por que está sendo preso, é
234 muito, muito difícil de aceitar, de superar. E eu fiquei com essa culpa, porque eu não
235 soube disso logo não, eu soube disso muito tempo depois, nem a minha família queria
236 me dizer, ninguém, porque sabiam que isso ia me deixar desesperada, porque ele não
237 tava nada bem. Mas, quando ele saiu, quando liberaram ele, porque, finalmente, não
238 tinha surra, não tinha tortura, não tinha pau de arara que me fizesse dizer um negócio
239 que não era mesmo, não era, ele não era o nosso elo, não era. Aí ele foi liberado, e
240 quando ele foi solto, disseram, “olha, você nunca esteve aqui, e se um dia porventura
241 você mencionar alguma coisa, pode se preparar porque aí tu não sai.” Então, ele saiu
242 com essa ameaça, procurei investigar, nunca encontrei um registro dele, dessa prisão
243 dele, não sei se foi feito ou não foi, e todos os casos... Muito tempo depois, quando eu já
244 tinha encontrado meu equilíbrio, eu tive essa, confesso, profunda dor, de saber que ele
245 sofreu e que eu indiretamente tinha sido a causadora desse horror pelo qual ele passou.
246 O Pablo e o Juvenal, eles... quando eles chegaram, eles comentavam que eles tinham
247 sobrevoado as cataratas, e que era muito, muito bonita a vista, e que eles iam levar a
248 gente pra dar um passeio, que a gente ia sobrevoar as cataratas, e aí eles faziam os
249 comentários do tipo, “vocês não podem ficar muito perto da porta, porque a gente deixa

250 a porta do helicóptero aberta, porque vocês podem ser sugados”, e aí, numa certa
251 ocasião eles puseram André e eu num Jipe, e a gente ia, segundo eles, fazer um passeio
252 sobre as cataratas, e a gente, quando fizeram isso com a gente, tinha certeza que eles
253 iam matar a gente, que eles iam jogar a gente, ninguém sabia onde a gente tava, e aí eles
254 deram uma volta pequena, aí voltaram dizendo “ah não, vocês ainda não merecem esse
255 passeio, vocês ainda não colaboraram o suficiente, então vamos voltar, vamos voltar lá
256 para conversar.” [pausa, fala emocionada] Eu até hoje, não tenho vontade de ver as
257 cataratas. Foram várias as vezes que eles ameaçaram a gente. Eu, eu fui particularmente
258 torturada com choques elétricos, eu não fui colocada no pau de arara, os meninos foram,
259 mas eu fui essencialmente torturada com choques, com socos, pontapés, toalhas
260 molhadas, choques com os pés dentro da água, é horrível. Eu tinha o cabelo comprido,
261 aí o cara enroscava assim, enroscava, enroscava, e depois puxava, até arrancar um
262 chumaço, e doía muito. Bom, eu perdi a noção, eu devo ter entrado em um estado tal
263 de... minha saúde, de precariedade, perdi noção das coisas, do tempo, aí depois de
264 alguns dias eu acordei, tinha uma senhora ao meu lado, ela se chamava Olga, eu nunca
265 declinei o nome dela pra protegê-la, mas aí eu penso que hoje, espero que não tenha
266 risco nenhum em dizer, eu só sei esse nome, Olga. Aí Olga me levou pra tomar... trouxe
267 roupa limpa, trouxe toalha, e me levou pra tomar um banho, penteou o meu cabelo,
268 cortou, tava todo “nozado”, e aí eu comecei a conversar com Olga, ela não perguntava
269 nada, tipo ela, eu acho que ela tinha aí ordens para não saber, ela devia estar aí pra me
270 dar um atendimento, obedecer ao que o médico do Batalhão, que eu não me lembro do
271 nome, um cretino, que eles decidiram que eu não iria para o hospital e ele ia me medicar
272 e também, se eu morresse, não faria a menor diferença, porque eu era uma vadia a
273 menos, isso não ia fazer grande diferença. Mas a Olga cuidou de mim, e aí eu perguntei
274 a ela onde a gente estava, que até então eu não sabia, ela disse, “você está no Batalhão
275 de Fronteira de Foz do Iguaçu”. Aí eu disse a ela, “poxa, eu tenho um cunhado que
276 mora em Medianeira”, ele trabalhava, João Ângelo, no Banco do Brasil, e ela não disse
277 nada. Ela perguntou o nome dele e dias depois, não sei quantos, eu sei que meu cunhado
278 chegou até a gente uns 25 dias depois que a gente estava preso. Aí eu soube, depois
279 soubemos que ela ligou pra a irmã dela, que morava em Guaíra e pediu pra a irmã dela
280 ir até Medianeira, ir ao banco, pedir para falar com o meu cunhado e disse, “Eles estão
281 em Foz do Iguaçu” [pausa emocionada, choro]. Eu nunca pude agradecer, agradeço
282 agora. Porque graças a ela, rompeu-se a incomunicabilidade, porque eu não sabia onde a
283 gente estava... a tortura arrefeceu. Meu cunhado mobilizou as pessoas que ele conhecia
284 pra tentar chegar até a gente, conseguiu através de Curitiba, primeiro negaram, negaram,
285 negaram, mas acabaram... ele era muito persistente, acabaram cedendo, aí ele veio num
286 Jipe do Exército até Foz, e... bom, ele encontrou a gente em um estado lastimável, ele
287 ia... até hoje eu lembro que eu olhava pra ele, eu sentia pena dele, porque ele estava
288 péssimo vendo a gente do jeito que a gente estava, os meninos. E ele foi conversar com
289 esse coronel Emídio e disse, “meu Deus, por que é que eles estão assim, o que está
290 acontecendo? O que vocês fizeram?”, aí o coronel disse a ele, “olha, tu cala a boca, tu
291 só está aqui por generosidade do Exército, e, se não estiver satisfeito, tem lugar pra ti
292 também!”, isso foi o coronel Emídio que... eu tava febril, acabada, em condições
293 lastimáveis e ele entrava e vinha me dar conselhos, como se nada estivesse acontecendo

294 lá dentro daquele quartel. “Olha, eu tenho uma filha da sua idade, mas ela tá em um
295 bom caminho, você optou pelo caminho dos bandidos, do terrorismo, isso é uma
296 escolha que você fez, agora tem que aguentar as consequências, mas está em tempo
297 ainda de mudar ...”. Teve uma ocasião, quando eu já estava bem melhor, que, Ana
298 Beatriz estava lá, ele veio e trouxe docinhos de uma festinha de aniversário pra gente.
299 “Eu sou muito bom, eu sou muito bom com as pessoas, veja, eu estou trazendo docinhos
300 pra vocês, não é, nada de mal está acontecendo aqui, vocês estão sendo superbem, não
301 se esqueçam de dizer que vocês sempre foram muito bem tratados aqui.” Ele tinha esse
302 cinismo. Meu cunhado saiu, ele foi e comprou pomadas, trouxe pomadas pra gente
303 passar nos hematomas, enfim, eu ressalto a importância da Olga nessa nossa história,
304 porque muita coisa mudou depois que o meu cunhado pôde chegar até nós, depois que
305 pôde advertir, avisar a família, advogados, porque até então o que acontecesse conosco
306 ninguém poderia depois confirmar ali dentro, a não ser os soldados, porque os soldados,
307 eles, mesmo a distância, eles viam o que estava acontecendo, e a gente teve, da forma
308 como eles puderam, muita solidariedade, eu acho que alguns poderiam hoje, dar uma
309 grande contribuição para a Comissão da Verdade, não no nosso caso, porque a gente
310 está aqui para contar, mas eu acho que em outros, porque os soldados, uma parte dos
311 soldados pelo menos, não aprovava em hipótese nenhuma o que estava acontecendo.
312 Alguns, depois eu soube, tinham irmãs que eram minhas alunas em Nova Aurora, então
313 eles não aceitavam, eles não aceitavam o que eles estavam vendo, e nós tivemos o caso
314 de um sargento e um soldado que foram presos, porque o sargento, ele jogou um jornal
315 pra mim por cima daquela janela, ficou preso um mês, e o outro soldado foi punido
316 porque me trouxe um recado do Luiz André, e os caras pegaram ele. Enfim, essa
317 passagem pelo Batalhão de Fronteira, ela deixou marcas indeléveis, eu minto se, após
318 quarenta anos, eu disser que eu superei, que eu consegui tratar essas feridas, não
319 consegui, essa pra mim não é uma história que está lá atrás enterrada; e não quero
320 enterrar, apesar de que eu sinto que a minha memória não está me ajudando muito, mas
321 eu acho que eu preciso, é um compromisso que eu tenho com a sociedade, com os meus
322 filhos, e eu vou resgatar ainda mais informações. Aí, claro que é difícil resumir, eu tô
323 resumindo o máximo que eu posso disso tudo. Em 18 de setembro, embarcaram a gente
324 em um avião militar, aí, sim, levaram a gente, só que naquelas alturas a gente se
325 perguntou, “por que eles vão querer matar a gente agora?”, eu e o André, não é.
326 Deixaram os meninos lá. Aí a gente foi assim, eu e ele algemados aqui, algemada aqui
327 no assento do avião e ele algemado no outro assento. E saímos, ninguém disse pra onde,
328 a gente perguntava aonde iam nos levar e não deram nenhuma informação, aí chegamos
329 no DOPS de Porto Alegre. Então, mais uma enxurrada de desespero, o que mais podiam
330 querer da gente agora lá no DOPS, a gente já estava indiciado no processo do Rio
331 Grande do Sul, com o grupo da VAR. Aí chegamos lá em uma sexta feira a noite,
332 ficamos até a segunda nesse pânico, “o que é que vai acontecer conosco?”. E na
333 segunda-feira, eu fui levada, encapuzada com um saco na cabeça, numa sala, e me
334 interrogaram, não bateram em mim, simplesmente disse, “olha, você colabore porque
335 você sabe que, não é, tu conhece já o pau de arara”, enfim essas coisas, e aí as perguntas
336 eram relativas ao dinheiro do cofre do Ademar. E eu lá sei de dinheiro, a prova de que a
337 gente não sabia, e nunca recebemos dinheiro, é que a gente trabalhou pra sobreviver,

338 tinha... queriam saber quanto a gente tinha recebido, onde tava escondido, enfim, aí eu
339 respondi que não sabia mesmo, me levaram de volta, aí no dia seguinte fui de volta pra
340 aquela sala, mas já aí estavam o Luiz André e o Gustavo Buarque Schiller, que também
341 era militante da nossa organização. Aí o mesmo papo. Aí eu não apanhei; assim, levei
342 choque, mas eles, além disso, levaram pontapé, soco, o Gustavo tava com o nariz
343 quebrado, já tinham quebrado antes o nariz dele, e aí o assunto era o tal de dinheiro do
344 cofre, que foi também, a gente foi muito interrogado aqui no Batalhão sobre isso, mas
345 pra mim isso já era um assunto tão encerrado que me surpreendeu ir pra Porto Alegre
346 pra ser interrogada sobre isso. Ao mesmo tempo tava meio estranho, meio confuso, o
347 tipo de interrogatório, meio estranho, e no dia seguinte a gente soube que, na realidade,
348 a gente tinha sido levado pra lá porque o Luiz André ia responder um processo da época
349 de movimento estudantil, que ele era presidente da UGES, ele foi preso tantas vezes,
350 mas em uma dessas passeatas ele tinha sido indiciado. Então levaram a gente pro
351 tribunal, ele foi julgado, foi absolvido, e aí mais outra etapa se iniciava, puseram a
352 gente, os dois algemados na parte de trás de um camburão todo fechado, só tinha umas
353 entradinhas assim de ar, na frente tinha o motorista e dois policiais, e nós dois
354 algemados atrás, e a gente começou uma viagem no escuro, sem saber pra onde mais
355 uma vez, e eu sou claustrofoba, além de não conseguir respirar, eu pensava, “se tiver um
356 acidente, a gente morre algemado os dois aqui atrás”, André me ajudava a distrair o meu
357 pensamento, ele sempre foi um grande companheiro, e a gente chegou aonde? Em
358 Curitiba. Nos levaram pro Batalhão lá de Curitiba, Batalhão da PM, o Kruger veio ver a
359 gente, todo satisfeito, veio lá na cela, olhou pra gente: “é? Já tão aí?”, e logo em seguida
360 eles nos levaram para a prisão do AHÚ, onde estavam os presos políticos do estado do
361 Paraná, e foi lá que o Lamartine Soares, que era o diretor do AHÚ, disse que não ia ficar
362 comigo lá, literalmente se desincumbiu da responsabilidade por mim, não tinha outra
363 presa política no estado do Paraná, não tinha prisão especial, me mandou para
364 Piraquara. E foi uma experiência muito, muito dura. A minha chegada, as guardas não
365 sabiam a diferença, acho que uma era latrocina, tanto fazia, e eu tava superfragilizada,
366 lógico, tava um caco e, já no camburão que me levou, eu fui chorando e a guarda já me
367 dizendo, “ah vagabunda é assim, faz as coisas e depois chora, tá vendo?”, eu fiquei
368 pensando... bom, só Deus sabe como é que eu cheguei lá. Em julho de 71, a gente foi
369 julgado e condenado pelo Tribunal Militar lá em Curitiba, na Auditoria da 5ª PM, Luiz
370 André foi condenado a dezoito meses, eu, a doze, que cumprimos, condenados por
371 aliciamento de menores, ou seja, o trabalho que eu fazia de educação foi considerado
372 altamente subversivo, e por organizar a luta armada e aí como o promotor pedia 25 anos
373 de prisão pra gente, a gente, quando o André saiu, a gente foi pro Chile, “o caminho da
374 liberdade”, até esperar o pronunciamento do Supremo Tribunal. Nossa pena foi
375 confirmada e aí surgiu um assunto de que, como a pena, como nós fomos julgados e
376 condenados, aí a gente não podia ser anistiado, aí saiu que tinha cerca de 320 presos não
377 eram objeto de anistia, nós... que a anistia não previa anistiar pessoas que haviam sido
378 condenadas. Essa “maravilhosa”, não é, Lei de Anistia que havia sido feita. Aí diante
379 disso que, pulei uma coisa, que depois do golpe de Estado no Chile a gente foi exilado
380 pra França, onde nasceram os meninos, os meus “apátridas”, eles foram os nenéns
381 apátridas, e a gente teve que se preparar e esperar um bocadinho pra voltar, porque a

382 gente não sabia qual era a condição da gente diante da Lei de Anistia. A primeira
383 tentativa a gente fez em 83, e a gente só ficou retido na Polícia Federal durante uma
384 meia hora, já vinha com o Diego, já tinha ele pequenininho, mas aí já tinha o pessoal
385 mobilizado, os nossos amigos no Rio, já tinha advogado lá e tal, e eles nos soltaram, aí
386 depois essa questão foi resolvida. Mas enfim, a gente a princípio não tinha direito à
387 anistia. Eu gostaria de mostrar a vocês também o dia em que meu cunhado chegou lá no
388 Exército, e que pela primeira vez tiraram a gente, a gente saiu à luz do dia, aí
389 enfileiraram a gente diante dessas armas [*mostra fotografia*], e tinha mais duas pessoas
390 que nós não conhecíamos; as armas velhas, livros, e obrigaram a gente a fazer essa foto,
391 e nós protestamos, Luiz André inclusive foi mais violento, “o que é isso, eu não vou
392 fazer foto aí”, o comandante, capitão Cerdá ameaçou ele na hora, assim, “tu sabe onde
393 fica”, como quem diz, “a gente vai lá ter uma conversinha na sala de tortura”. Para o
394 bem da verdade, essas armas não eram nossas, nossas armas estão enterradas até hoje lá
395 na mata, mas precisava publicar no jornal, não é, todo mundo com a cara de bandido, a
396 gente tava todo mundo esfacelado, e mostrar o que eles tinham feito, certamente um
397 bom trabalho pra receberem as devidas homenagens, enfim. Eu trouxe essa foto porque
398 muitas vezes depois desse fato, a gente lembra, quando vê a imprensa publicando certas
399 coisas, a gente diz, pode ser e pode não ser, porque a gente também esteve nessa, né?
400 Outra coisa que é importante assinalar, é que o Espedito Ostrovski ocupava um cargo na
401 COPEL, que é um órgão estadual aqui no estado do Paraná, e aí, a pedido de um
402 deputado que na época ele era presidente, ele era presidente da Comissão de Defesa dos
403 Direitos Humanos, Márcio Almeida, ele encaminhou um pedido de demissão sumária
404 do Espedito, desse cargo ao governador, e o governador de fato o exonerou. Enfim, esse
405 pessoal todo que eu denuncio aqui, o que eu digo é o seguinte, sempre falei isso
406 inclusive, com os meus filhos e com meu marido, e aí onde eu acho essa Comissão, ela
407 é extremamente importante, a gente nem de uma maneira comum tem a dimensão da
408 importância dessa Comissão. Trazer a público, mas de uma maneira mais didática, o
409 nome dessas pessoas, pra que elas confrontem, pra que elas tenham o olhar dos filhos,
410 dos familiares, dos amigos, pelo menos isso, condenando-os, porque eles são
411 plenamente responsáveis por tudo que eles fizeram, não tem meia boca, eles são
412 responsáveis. Então eu acho que, se a gente não puder ir, além disso, chegando até isso,
413 já é uma grande vitória, porque eu posso olhar nos olhos dos meus filhos, dos meus
414 amigos, dos meus parentes, com dignidade, com orgulho, eu sei que o melhor da minha
415 juventude, eu era muito novinha, mas o melhor é que eu trabalhei porque eu acreditei
416 em uma ideologia, continuo acreditando, e viver com a possibilidade de se expressar
417 livremente, isso também é uma vitória que nós conquistamos todos. Nós participamos
418 com certeza disso. Muitas vezes eu me disse: “pô, a gente fez tão pouco”, mas não, na
419 verdade a gente fez alguma coisa, e acho que o que a gente fez, no momento que a gente
420 fez, no contexto que a gente fez, estava certo. Então eu me coloco à disposição dessa
421 Comissão, sempre que for necessário, eu vou continuar, vou continuar chorando [*fala*
422 *emocionada*], porque eu tenho muita, muita revolta com essas injustiças todas, mas não
423 vou baixar a guarda, como se diz, e esse esforço de memória que eu estou fazendo
424 agora, que eu estou escrevendo como promessa aos meus filhos, eu só posso contar com
425 a minha... não é, antes eu tinha André comigo que me ajudava, agora não tenho mais,

426 então eu tenho que acelerar um pouquinho porque a cabecinha começa a fraquejar, não
427 é. O Beto, ele tem muita coisa pra contar pra vocês também [*choro*], coisas que eu não
428 vi que eu não presenciei, mas que eu soube. Então, obrigada.

429 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Izabel, muito obrigado
430 pelas suas palavras, e por compartilhar conosco esse momento da sua vida. Eu vendo
431 essa foto aqui, em que, pra professores, nós somos professores, então a gente tem
432 caneta, e tirar a caneta e colocar armas, é realmente o pior dos cenários. Mais uma vez,
433 muito obrigado. Eu queria então abrir a palavra, doutora Neide e doutora Ivete, para que
434 coloquem as suas questões.

435 **Neide** – Bom. Vocês perceberam que nós estamos diante de uma heroína, uma guerreira
436 fantástica, de uma sensibilidade incrível, que isto sirva de exemplo pra juventude nossa
437 de hoje, sabe? Foi impressionante, ela fez uma descrição dantesca do que houve em
438 quase todos os lugares do nosso Brasil, poucas pessoas tem coragem de chegar aqui e de
439 dizer exatamente isso, porque eles tiveram o cuidado de escolher sadomasoquistas,
440 homens e mulheres que tinham o prazer de fazer sofrer as pessoas, foi o cúmulo da
441 desumanidade, foi impressionante, eu já ouvi muita coisa, mas foi o depoimento, o
442 testemunho mais pesado que eu já vi até hoje, que nenhum de nós pode esquecer. Eu
443 queria ir de universidade em universidade, levar esse depoimento, distribuir, para que
444 todo mundo soubesse o que houve realmente no Brasil. E o que houve realmente não
445 pode se repetir, por isso que, quando a gente vê esses jovens levantando bandeira hoje, a
446 gente chora de emoção, porque nós vivemos essa época, vocês estão ouvindo contar
447 estória de gente que viveu na carne, no sangue, a história do Brasil, isso não pode ser
448 esquecido. Desculpe, sabe. Você foi fantástica, maravilhosa. Eu quero só fazer ainda
449 algumas perguntas pra você, que mexeram muito comigo, quando você fala em um
450 lugar chamado Nova Aurora, eu quero saber de você o seguinte, você conheceu lá uma
451 pessoas chamada Fuad Nacli? O Fuad Nacli era dono de uma fazenda, o que você sabe a
452 respeito dessa fazenda, que é considerada “Fazenda das Torturas”?

453 **Izabel Fávero** – É. Fazenda São Jorge. Olha, eu conheço pouco, porque as coisas eram
454 feitas certamente de maneira muito sigilosa, e também nós já estávamos presos quando
455 eu soube, eu não posso afirmar, essa informação que eu vou dar, mas ela certamente
456 pode ser confirmada ou não por quem tem mais informação. Fuad Nacli foi um dos
457 grandes apoiadores da nossa prisão, ele colocou a fazenda, ele tinha uma aero pista onde
458 aterrissavam os aviõezinhos lá, então ele colocou todo o aparato dele, tudo o que ele
459 tinha à disposição do Exército, pra nossa prisão. Soube, inclusive ele veio vários vezes,
460 eu ouvi a voz dele no quartel, no Batalhão de Fronteira, eu ouvi, pelo menos eu posso
461 afirmar, duas vezes com certeza, ele falando com o tenente Espedito, eu estava numa
462 sala e eu ouvi, e eu soube que a partir da nossa prisão estabeleceu-se uma colaboração
463 direta dele com a PM e com o Exército. A nossa prisão na verdade teria desencadeado
464 uma colaboração, então essa informação que eu tive. Eu, como eu digo, não posso
465 confirmar, não tenho provas tangíveis disso, eu não sei se alguém tem, mas essa foi a
466 informação que chegou a mim.

467 **Neide** – Você por acaso morou em Dois Vizinhos?

468 **Izabel Fávero** – Não.

469 **Neide** – Tá. Ivete, obrigada, viu, bem.

470 **Ivete** – Izabel, o tenente Espedito era a pessoa que torturava, que ficava
471 permanentemente no Batalhão de Fronteira foi a pessoa que mais torturou você?

472 **Izabel Fávero** – Junto com o Cerdá. Primeiramente era a dupla Cerdá e Espedito,
473 depois Pablo e Juvenal.

474 **Ivete** – Sim. Você mencionou também que havia alguns soldados que não concordavam
475 com aqueles métodos. Você poderia nominar algum deles?

476 **Izabel Fávero** – Não.

477 **Ivete** – Não sabe se seguiram carreira militar?

478 **Izabel Fávero** – Não sei.

479 **Ivete** – Não sabe. Nunca mais

480 **Izabel Fávero** – Não sei, porque a estória da gente ficou numa sequência, a gente foi
481 sendo afastados, a gente ficou preso depois em Curitiba, depois tivemos que nos exilar,
482 então esse trabalho a gente não fez ele pra trás pra poder pegar essa memória.

483 **Ivete** – **Está** bem. Muito obrigada, eu quero te agradecer muito, pela sua coragem e
484 dizer que nós estamos sempre abertos pra lhe ouvir, enfim, a toda a sua família e a
485 todos. Obrigada.

486 **Izabel Fávero** – Eu que agradeço.

487 **Neide** – Estou satisfeita, foi tão emocionante...

488 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Márcio.

489 **Márcio** – Eu queria também aproveitar para fazer algumas questões. Primeiro, enquanto
490 eu elaboro uma segunda pergunta, você poderia descrever pra nós quem são as pessoas
491 dessa foto?

492 **Izabel Fávero** – Ao centro, Gilberto Silveira que estava em Curitiba, e foi trazido junto
493 com a Beatriz, por estarem ligados ao nosso regional, então ele foi trazido ao Batalhão.
494 José Deodato, eu já estou com a minha memória... O meu cunhado Alberto... O Beto
495 pode me ajudar mais. Eu tenho eles aqui, mas eu não quero falar pelo apelido. Só um
496 minutinho. Eu não quero dar apelidos, a gente se chamava por apelidos. [*mostra a*
497 *fotografia*] Mas dá pra ver assim? Então, aqui, Alberto João Fávero, nosso cunhado, só
498 um minutinho. José Aparecido Germano. O Dito aqui, o nome do Dito era Benedito
499 Osório Bueno. Vem, Alberto, você pode fazer. Venha! Diga o nome por completo deles,
500 porque eu chamava todo mundo pelo apelido.

501 **Alberto Fávero** – Na realidade esse aqui era o Moacir Correa, ele era [*trecho*
502 *incompreensível*], e esse Figueiredo era compadre de um senador biônico da época, ele
503 ficou aqui preso sete ou oito dias em uma celinha comendo tudo quanto era coisa
504 especial, aí depois liberaram ele. Só que o seu Moacir, quando nós fomos para o AHÚ,
505 o seu Moacir ainda ficou preso aqui pra responder pelas armas, que na verdade eram do
506 seu Adílio Figueiredo, comendador Adílio Figueiredo, bom, aqui nós temos o...

507 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Senhor Luiz Alberto,
508 como o senhor vai ser o próximo a ser chamado, o senhor já não gostaria de sentar ali?
509 Por favor.

510 **Luiz Alberto Fávero** – Começar tudo de novo? Aqui tá o seu Dito, o José Deodata, o
511 Gilberto, a Izabel, o André, que era o meu irmão, eu, o Adão, e esse aqui era o Moacir
512 Correa que não tinha nada, nada a ver com a gente, e que estava ali no meio. As armas,
513 70% eram deles. Nós protestamos, a Izabel falou e foi um pau desgraçado depois, nos
514 levaram lá pra dentro, mas não adiantou nada. É isso aí. Nós tínhamos as nossas armas,
515 mas perdemos tudo que estavam enterradas lá na Anta Gorda, onde eu fui preso, e
516 quando nós saímos não achamos mais.

517 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Senhor Luiz Alberto,
518 aproveita que o senhor já está aí e já, por favor, componha a mesa. Antes de nós darmos
519 continuidade, os senhores e senhoras ouviram a senhora Izabel citar o Espedito
520 Ostrovski, o soldado e inspetor Espedito Ostrovski. O senhor Aluizio tem um informe
521 para dar a esse respeito.

522 **Aluizio Palmar** – Bem, depois de tudo isso que a Izabel relatou, das torturas, do
523 sofrimento, o tenente Espedito Ostrovski foi nomeado para o serviço de Inteligência da
524 COPEL, e o Fuad Nacli, o filho dele foi nomeado diretor da Itaipu. O tenente Espedito
525 Ostrovski, hoje, é advogado militante em Foz do Iguaçu, foi do Conselho da OAB,
526 pertence ao Conselho da Comunidade, e frequenta as altas rodas da sociedade
527 iguaçuense. Nós estamos aqui falando, cara a cara, relatando para as pessoas. Ele é
528 covarde, foi intimado e não veio. Então, eu não sei qual o procedimento que a Comissão
529 da Verdade vai adotar nesse caso, e peço para que a Comissão informe ao Plenário o
530 que será feito diante da ausência dessa pessoa. Porque é a hora da memória, verdade e
531 justiça.

532 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Eu acho que, em relação à
533 questão da convocação, da intimação, precisamos esperar a doutora Rosa chegar, para
534 que ela nos dê alguma informação sobre isso, agora, quanto aos outros pertencimentos
535 desse senhor, acho que devemos oficiar a Ordem dos Advogados, para, no sentido de
536 relatar o que houve... Uma sugestão da professora Vera, muito pertinente, aliás. Então
537 eu queria já deixar, podemos fazer algo conjunto, mas já pedir que a nossa secretaria, a
538 nossa secretaria prepare essa documentação para ser enviada à Ordem, eu acho que
539 tanto a Ordem, a seção Paraná, quanto a subseção de Foz, com cópias pra Ordem
540 federal, a Nacional.

541 **Interlocutora não identificada** – Me permite? A Ordem, a Seccional da OAB do
542 Paraná constituiu também uma Comissão de Verdade, e eu acho que é o caso também
543 de chamar, pra colaborar conosco, todos os companheiros da Comissão da Verdade da
544 Ordem, pra chamar esse senhor que é filiado.

545 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Perfeito. Então
546 convidamos, vamos convidar a subseção da Ordem de Foz do Iguaçu pra participar
547 deste processo de convocação do Espedito Ostrovski, e continuar o processo de
548 comunicação de quem ele é, e do que ele fez, à Estadual e à Nacional, a Ordem na sua
549 Seção Federal. Bem, eu passo então a palavra ao professor Márcio que quer colocar
550 mais uma questão para a senhora Izabel.

551 **Márcio** – Durante o seu depoimento, todo ele emocionante, mas teve uma parte que me
552 chamou muito a atenção. Dentro do terror psicológico que lhe foi feito, você descreve
553 que eles diziam que tinha uma corrente, e que os elos dessa corrente era o número de
554 comunistas mortos. Você pode, mais ou menos, dizer que tamanho era essa corrente?
555 Quantos elos tinha? Pra gente saber o tamanho da dimensão que a gente está tratando?

556 **Izabel Fávero** – Quantos elos era, eu não sei ao certo, mas era uma corrente, na ponta
557 tinha um chaveiro com uma caveira. Os elos eram grandes, eram grandinhos assim,
558 então é uma corrente, depois com o passar do tempo a gente dizia, “não, isso era para
559 nos aterrorizar, não é possível”, não é, Beto? Era mais ou menos assim [*mostra com as*
560 *mãos*].

561 **Luiz Alberto Fávero** – Um desses rapazes falou pra mim em uma tortura, ele falou
562 assim pra mim, “se você tivesse caído no Rio de Janeiro, vocês já eram”, falou pra mim
563 e para o Luiz, o meu irmão. Eles tentavam colocar eu e meu irmão, um... tentar bater no
564 outro, tentaram umas sete ou oito vezes, mas não conseguiram aí eles pararam, aí depois
565 o meu irmão veio, conseguiu entranhar, mas aí eles só viram, eu, a Izabel e meu irmão,
566 os outros eles não deixaram o pessoal ver também não. Só mostraram nós três. Aí deu
567 uma melhoradinha, meu pai já conseguiu chegar, trazer roupa, essas coisas, mas meu
568 pai já tinha vindo a Foz do Iguaçu umas vinte vezes e não tinha conseguido entrar não,
569 aí meu irmão que estava no Banco do Brasil em Foz do Iguaçu, em Guaíra, eu não sei
570 como foi, ele entrou lá e os caras trouxeram ele de Jipe. Aí deu uma melhorada um
571 pouco. Mas nós ficamos noventa dias aí que, vou dizer uma coisa pra você, foi uma
572 “pauleira” danada.

573 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – O senhor disse que a
574 senhora Izabel já tinha dado a maior parte das informações, mas certamente o senhor
575 tem bastante coisa para relatar pra gente. Eu gostaria que o senhor desse o seu
576 depoimento.

577 **Luiz Alberto Fávero** – Como foi a minha prisão, por exemplo. Eles já chegaram em
578 Nova Aurora, porque eu fui preso em Anta Gorda, que era lá que eu comandava um
579 grupo lá que nós tínhamos nos envolvido no meio de posseiros, lá tinha um grupo, até
580 de posseiros nós estávamos no meio lá. Aí eu fui preso em Anta Gorda, mas eles já

581 sabiam que eu tava sozinho em casa, porque a minha mulher estava com um menino de
582 cinco anos e outro de três e ela estava grávida, e 27 dias depois que eu fui preso, ela
583 ganhou o último filho meu, e sabiam que eu estava sozinho, eles já pegaram o Zé
584 Deodato, que morava na fazenda do meu pai, esse aqui [*aponta na foto*], e pegaram
585 esses dois aqui [*aponta na foto*], e ficou por último eu e o Dito, que nós morava um
586 encostadinho no outro, eu e o Dito. Só que eles entraram na minha casa, era umas duas
587 horas da madrugada, mais ou menos, o Espedito, mais o cabo Orlando, mais um monte,
588 jogaram tudo fora, “onde é que tá as armas, onde é que tá o dinheiro, onde é que tá as
589 coisas?”, foi um Deus me acuda, sabendo que eu estava sozinho, que não tinha ninguém
590 em casa. Aí foram na casa do Dito e a mesma coisa, jogaram milho, que tinha um
591 paiolzinho de milho do Dito lá que tinha para os porquinhos, e eles jogaram tudo fora,
592 fizeram uma bagunça danada. E depois nós chegamos no Batalhão. Quando nós viemos
593 para o Batalhão, eles sumiram com o Luiz, o Luiz foi lá com nós, para fazer a prisão e
594 tal, mas o Luiz não veio para Foz do Iguaçu aquele dia, pra onde eles levaram o Luiz eu
595 não sei, o Luiz foi chegar em Foz do Iguaçu no outro dia. Aí era umas 9h da manhã, eles
596 me levaram lá, e ele estava nuzinho, dentro de uma sala de tortura, um tambor de água,
597 um pau de arara, a “Maricota”, que eles fazem, que era um negócio de choque elétrico,
598 estava prontinha lá, e o Luiz nu, peladinho lá, aí o cabo Orlando falou, “pode tirar a tua
599 roupa também”, aí já começou. Aí jogavam o Luiz por cima de mim, jogava eu encima
600 do Luiz e aquela coisa toda. Eles não batiam em ninguém, não batiam em mim, mas a
601 gente sofria mais, eu sei que foi feia a coisa, não foi muito fácil não. O Espedito, o
602 capitão Cerdá, o Kruger, o sargento Balbinotti, o cabo Orlando, o cabo Felipe. Pode
603 escrever os nomes aí, porque eu não tenho medo de falar nenhum não. O sargento
604 Balbinotti ele era da PM de Curitiba, e o capitão Kruger também, né?

605 **Izabel Fávero** – Sim. Eu não me lembrava o nome dos outros.

606 **Luiz Alberto Fávero** – Era cabo Orlando e Felipe.

607 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Eu pediria que as
608 pessoas...

609 **Luiz Alberto Fávero** – Tem o capitão Cerdá e o tenente Espedito, esses dois estavam
610 na frente sempre. E o subcomandante, o major Fontoura acompanhava esses
611 depoimentos todinhos. O comandante geral não, mas o subcomandante, o major
612 Fontoura, três ou quatro vezes assistiu o depoimento meu e do meu irmão. Ele vinha e
613 falava para o Espedito quando não estava bom, ele dava umas porradinhas ali e ia
614 embora. Mas ele acompanhava os depoimentos.

615 **Márcio** – Nessas sessões de tortura, o que eles queriam saber do senhor? Também era
616 relacionado à questão do dinheiro do Ademar? Do funcionamento da PPR? Quais eram
617 as perguntas que eram feitas para o senhor?

618 **Luiz Alberto Fávero** – Eles colocavam a gente na água, nu, e amarrava o fio da
619 “Maricota” em certos lugares, punha às vezes água e tocava a “Maricota”, e depois

620 pendurava a gente no pau de arara, e era a mesma coisa, a “Maricota” era primeiro, era
621 choque o dia inteiro.

622 **Ivete** – Que tipo de informação eles queriam do senhor? As informações que eles
623 queiram eram relacionadas a quê?

624 **Luiz Alberto Fávero** – Eles queriam... eu não sei. O pessoal de lá caiu por causa do
625 pessoal do Rio Grande do Sul, a realidade foi essa aí. Aí eles estavam em um processo
626 lá que nós íamos até a delegacia de Nova Aurora, fizeram um monte de coisa lá, coisa
627 que a gente não tinha nada com nada, a gente estava se preparando, não tinha nada, a
628 única coisa que nós tínhamos se enfiado era que eu estava no meio de um grupo de
629 posseiros, tá entendendo? E justamente esse posseiros era contra o Fuad Nacli.

630 **Izabel Fávero** – Vou complementar um pouquinho que, por conta daquele relatório que
631 foi encontrado no cofre em Porto Alegre, eles imaginavam que a gente era uma
632 megaorganização, que a gente tinha mais de duzentos militantes, e eles queriam esses
633 militantes, e foi essa razão daquela megaoperação de setecentos homens, eles não
634 vinham prender só a gente, eles imaginavam que tinha muita gente, porque aquele
635 relatório hiper-dimensionou, não é? Essa era um das razões também de

636 **Luiz Alberto Fávero** – Eu acho que eles estavam pensando que a gente estava muito
637 bem preparado, porque o policiamento que foi para Nova Aurora tinha mais de
638 seiscentos policiais, eles fizeram um acampamento lá numas matas, quatro, cinco matas
639 que tinha lá, campo, até helicóptero tinha lá, posto médico. Então, foram preparados
640 mesmo, achando que nós estávamos, acharam que nós íamos fazer uma confusão com
641 eles lá. Eles estavam com medo de nós.

642 **Ivete** – Além do Nacli que colaborou com a repressão, havia outros fazendeiros,
643 proprietários que também colaboraram com a estrutura da repressão?

644 **Luiz Alberto Fávero** – Tinha, um delegado lá, que se chamava Oreste Bruceleine, o
645 tenente Espedito pagou ele depois que nós fomos presos, pra monitorar lá a casa do meu
646 pai, pra ver se tinha gente diferente, gente estranha. Ele contou, tem um amigo meu que
647 está fazendo o depoimento com as pessoas lá em Nova Aurora, e ele deu esse
648 depoimento diretinho, confirmando que ele ficou sete ou oito meses depois que nos
649 prenderam, cuidando do meu pai lá, pra ver se vinha gente diferente, pra ver se via essas
650 coisas. Era o Espedito que ia uma vez por semana lá, levar o dinheiro pra ele e pegar as
651 informações.

652 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – O senhor pode falar um
653 pouquinho pra nós sobre a Fazenda Nova Aurora? O que o senhor sabia sobre a Fazenda
654 Nova Aurora, a fazenda São Jorge? O que o senhor sabia da fazenda?

655 **Luiz Alberto Fávero** – A fazenda São Jorge era do Fuad Nacli, meu pai tinha uma
656 propriedade encostada na dele, onde foram presos a Izabel e o meu irmão, e a Fazenda
657 São Jorge era do Fuad, mas já faz tempo que ele se desfez da fazenda, eu acho que ele já
658 faleceu também, e agora não é mais dele não. Era do Fuad Nacli.

659 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Na época ela e era
660 utilizada com um centro de tortura?

661 **Luiz Alberto Fávero** – Na época era do Fuad Nacli.

662 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – E era utilizada como
663 centro de tortura?

664 **Luiz Alberto Fávero** – Não. Eu acho que não. Não posso dizer isso aí porque eu nunca
665 vi. Nunca vi não.

666 **Pedro Bodê (Comissão Estadual da Verdade do Paraná)** – Está certo. Eu faço essa
667 pergunta, porque, dentre os depoimentos e as oitivas que nós temos feito na Comissão
668 da Verdade, e eu me reservo ao direito de não citar o nome da oitiva em que obtivemos
669 essa informação, nos levou a um indício muito sério de que essa fazenda de fato era
670 chamada de “Fazenda da Tortura”, ela era um centro de referência. Algumas oitivas têm
671 nos levado nesse caminho, então é por isso que, como o senhor conhecia bem a questão
672 da fazenda São Jorge, até nós não tínhamos esse nome, Fazenda São Jorge, não é? Mas
673 alguns depoimentos já apontaram pra esse caminho. Pra senhora, Izabel. Entre os
674 nomes, não, se ele puder responder também, fique à vontade. Entre os nomes que eles
675 pediam, já que imaginavam que era uma grande organização, quais eram mais
676 insistentemente pedidos? Você lembra? Por quem eles perguntavam? Você falou que
677 eles queriam saber os nomes, eles achavam que era uma organização grande, certo?
678 Tinha alguém especial que eles queriam identificar entre as pessoas questionadas?

679 **Izabel Fávero** – Não, eles não tinham, tinham o seguinte, eu acho que o fato de...

680 (O testemunho continua, mas a gravação foi interrompida).